



LULA E FLÁVIO
disputam o 2º turno
no próximo domingo,
25 de outubro

JORNAL

VOZ

DAS COMUNIDADES

EDIÇÃO 129
ANO 21
OUTUBRO DE 2026
RIO DE JANEIRO

UENDELL VINICIUS / VOZ DAS COMUNIDADES



A OPERAÇÃO MAIS LETAL DA HISTÓRIA

**Megaoperação na Penha e Alemão completa um ano em outubro:
Douglas Ruas, futuro governador do Rio, aposta na ocupação permanente,
mas 90% dos moradores condenam atual política de segurança**

PÁGINAS 8 E 9

VILMA RIBEIRO / VOZ DAS COMUNIDADES

INVESTIMENTO EM JOGO



Obras de
urbanização
nas favelas
podem não
chegar com
mudança
de governo
PÁGINA 4

ELAS POR ELAS

Novo coletivo no
Morro da Providência se
movimenta para lutar pelas
trabalhadoras ambulantes
PÁGINA 15

MUDANÇA NA JORNADA

Fim da escala 6x1 é
aprovado e marca nova
fase das relações de
trabalho no país
PÁGINA 16

UENDELL VINICIUS / VOZ DAS COMUNIDADES

BECOS ESQUECIDOS

Escadarias
precárias e
esgoto expõem
moradores da
Fazendinha
a riscos no
Complexo do
Alemão
PÁGINA 3





Dá o papo, morador

RAYSSA OLIVEIRA, cria do Complexo do Alemão, na localidade da Alvorada, reflete a essência do jovem periférico carioca ao unir espontaneidade, representatividade e um profundo orgulho de suas raízes. Com uma linguagem acessível e pé no chão, ela compartilha sua rotina e posicionamentos com a naturalidade de quem conhece de perto a realidade da comunidade, transformando sua presença digital em um ponto de identificação e acolhimento para sua geração. Rayssa representa a juventude que ocupa espaços com personalidade, demonstrando na prática que a favela é um polo de talentos, força e potência de transformação.



REPRODUÇÃO

O que você espera para a juventude nos próximos anos?

Eu espero que a juventude tenha mais oportunidades, principalmente para descobrir seus talentos e transformar seus sonhos em realidade. Que a gente tenha acesso à educação, ao trabalho, à cultura e a oportunidades que muitas vezes parecem tão distantes. Eu também espero que os jovens acreditem mais em si mesmos e entendam que o lugar de onde a gente vem não define até onde a gente pode chegar.

O que você sonha para a comunidade onde você mora?

Eu sonho com uma comunidade cada vez mais valorizada, com mais oportunidades para os moradores, principalmente para os jovens. Quero ver as pessoas tendo acesso a cursos, empregos, esporte, cultura e espaços onde possam desenvolver seus talentos. Eu acredito muito que a favela também floresce e que quem nasce na comunidade pode conquistar grandes coisas sem precisar esquecer de onde veio.

O que tem de melhor onde você mora?

Sem dúvidas, as pessoas. A comunidade tem uma força muito grande, uma união e uma capacidade de correr atrás que eu admiro muito. É um lugar onde existem muitos talentos, histórias e pessoas trabalhadoras. Eu tenho muito orgulho da minha origem e acredito que uma das maiores riquezas de onde eu venho são justamente as pessoas que fazem acontecer todos os dias.

Um conselho para alguém que terminou o ensino médio e não sabe o que fazer da vida.

Eu diria para não se desesperar. Nem todo mundo termina o ensino médio sabendo exatamente o que quer fazer, e tudo bem. Comece tentando, conhecendo coisas novas, fazendo cursos, procurando oportunidades e descobrindo aquilo que realmente faz sentido para você. Eu também comecei sem ter tudo planejado e fui descobrindo meu caminho no processo. O importante é não ficar parado esperando ter certeza de tudo para começar. Às vezes, o caminho aparece justamente quando a gente dá o primeiro passo.

KAREN MELO

Jogo dos 7 Erros



Resultado

1. O gato sumiu.
2. Apareceu o número 10 na camisa do menino à esquerda.
3. O boné do menino do meio está virado para trás.
4. O sol apareceu no céu.
5. O tênis do menino perdeu as listras.
6. A bola de futebol ganhou estrelas.
7. Uma flor apareceu na lateral direita.

EXPEDIENTE



Encaminhe a sua sugestão de matéria para o número: (21) 99694-4234 ou envie um e-mail para jornalismo@vozdascidades.com.br

Editor Chefe: Rene Silva
Coordenação, edição e revisão: Jonas di Andrade
Edição final: Samantha Millan
Reportagem: Jaqueline Cruz, Jéssica Araújo, Karen Melo, Thiago Herminio
Fotografia: Uendell Vinicius, Vitoria Gaia
Projeto gráfico e diagramação: Viviana Assunção
Designer: Tamires Aragão
Distribuição: Zona Norte (Complexos do Alemão, Complexo da Maré), Zona Sudoeste (Cidade de Deus), Zona Sul (Vidigal, Morro da Providência)

Redes sociais:

Twitter: @vozdacomunidade
 Instagram: @vozdascidades
 Facebook: fb.com/vozdascidades
 TikTok: @vozdascidades

APP DO VOZ DAS
COMUNIDADES
APONTE SEU CELULAR
E BAIXE AQUI



Degraus irregulares e esgoto dificultam a vida de moradores em becos do Alemão

Pessoas com deficiência e idosos enfrentam escadarias sem acessibilidade na Fazendinha; há relatos de quedas, falta de iluminação e ausência de melhorias

JESSICA ARAUJO

Sair de casa é um desafio para moradores dos becos da Mamona, da Padaria Quebrada e Universal, na Fazendinha, no Complexo do Alemão, Zona Norte do Rio. Escadas com degraus irregulares, lodo, esgoto e falta de iluminação dificultam a circulação e aumentam o risco de quedas. Pessoas com deficiência e idosos estão entre os mais prejudicados pela falta de acessibilidade nos caminhos que ligam as casas às principais vias da comunidade.

No Beco da Mamona, Cleiton Vicente, de 45 anos, mora desde os oito. Ele perdeu uma das pernas e conta que já caiu três vezes nas escadas. Em dias de chuva, o acesso fica ainda mais perigoso, e até ir à igreja depende das condições do tempo.

“Quando eu vou na igreja, pra mim descer aqui só se o tempo estiver bem seco mesmo”, contou.

Durante a visita, um dos degraus foi medido e apresentou quase 50 centímetros de altura. O desnível dificulta a passagem, e o lodo aumenta o risco de escorregões.

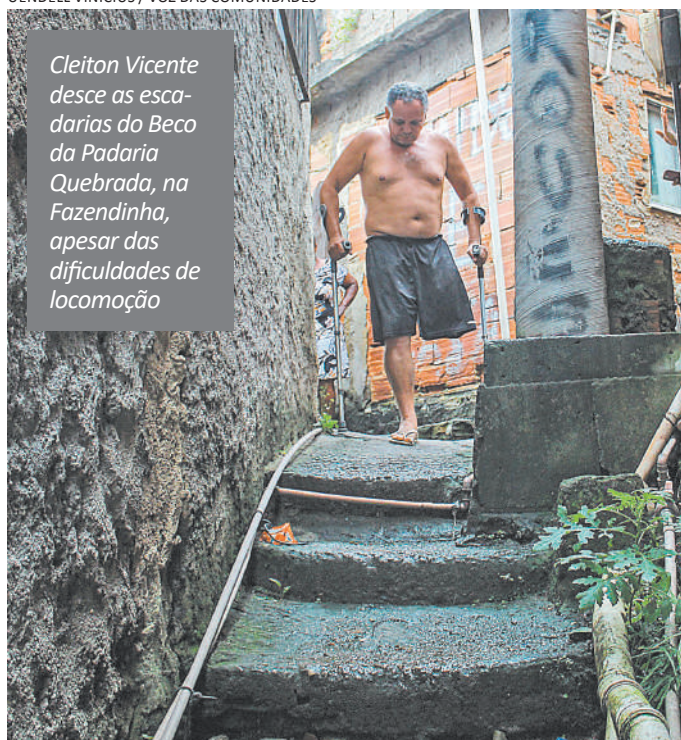
Cleison, de 25 anos, filho de Cleiton, diz que a situação continua praticamente igual desde a infância.

“Desde que eu nasci, sempre foi assim. Nunca teve uma reforma, uma melhoria pro morador aqui. Parece que aqui é o último lugar, que é esquecido”, afirmou.

Agna, mulher de Cleiton, com quem é casada há mais de 20 anos, também chama atenção para as condições das escadas. O Beco da Padaria Quebrada, transversal ao da Mamona, é um dos acessos mais usados pelos moradores. Mesmo sendo mais rápido, o caminho exige cuidado.

Neuza, moradora do Beco da Mamona há cerca de 15

UENDELL VINICIUS / VOZ DAS COMUNIDADES



Cleiton Vicente desce as escadarias do Beco da Padaria Quebrada, na Fazendinha, apesar das dificuldades de locomoção

UENDELL VINICIUS / VOZ DAS COMUNIDADES



Degrau no Beco da Mamona tem quase 50 centímetros de altura e dificulta a passagem dos moradores

UENDELL VINICIUS / VOZ DAS COMUNIDADES



Esgoto e lixo na escadaria do Beco Universal causam mau cheiro e prejudicam a rotina dos moradores

anos, também já caiu e evita a escadaria quando chove. Ela diz sentir falta da antiga casa, na região onde hoje fica o teleférico da Palmeira.

“Dia de chuva é ruim, tem que andar com muito cuidado e dar a volta”, contou.

Segundo os moradores, as obras do Programa



Júlio César, que usa muletas após perder uma das pernas, enfrenta dificuldades para descer as escadarias do Beco Universal

de Aceleração do Crescimento (PAC), realizadas há mais de dez anos, chegaram a outros pontos da comunidade, mas não contemplaram todos os becos. A iluminação também preocupa: apesar de haver dois postes no trecho, os moradores dizem que nenhum funciona. À noite, dependem da luz das casas ou dos celulares para enxergar os degraus.

Mãe teme novas quedas do filho

No Beco Universal, transversal ao da Padaria Quebrada, Maria de Fátima Alves Marinho, de 75 anos, mora há mais de 30 anos. Ela vive no Complexo do Alemão há mais de cinco décadas com o filho, Júlio César Marinho de Lima, conhecido como Boneco.

Júlio tem 43 anos e perdeu uma das pernas após um acidente de moto, quando tinha cerca de 17 anos. Ele usa muletas e costuma sair pouco de casa, geralmente para lugares próximos.

“Eu ando do jeito que eu posso. Ando normal”, disse Júlio.

Fátima conta que o filho escorregou recentemente e teme que ele volte a cair. Outro problema é o esgoto que escorre pela escadaria em frente à casa da família. Segundo ela, o caminho fica molhado mesmo quando não chove, provoca mau cheiro e atrai insetos.

“Porque aqui ninguém se interessa por isso”, disse Fátima.

Os moradores pedem melhorias nas escadarias, iluminação pública e uma solução para o esgoto. Para pessoas com deficiência e idosos, as condições atuais tornam até os deslocamentos mais simples uma tarefa difícil.

O Voz das Comunidades entrou em contato com a Prefeitura do Rio e a Subprefeitura dos Grandes Complexos, para solicitar esclarecimentos sobre a manutenção dos acessos, a iluminação pública e o esgotamento sanitário. Em nota, Subprefeitura informou que a Marli Peçanha, Subprefeita, programou uma visita ao local mencionado, com o objetivo de apurar, in loco, as condições relatadas e identificar as demandas apresentadas pelos moradores. De acordo com eles, a iniciativa visa avaliar a situação e promover os encaminhamentos necessários junto aos órgãos municipais competentes, observadas as respectivas atribuições.

UENDELL VINICIUS / VOZ DAS COMUNIDADES



Maria de Fátima Marinho e o filho, Júlio César, convivem com dificuldades de acesso no Beco Universal

Rocinha, Alemão, Maré e Jardim Maravilha aguardam R\$ 1,1 bi do Novo PAC; obras podem travar com troca de governo

Investimento promete saneamento básico, moradia e proteção contra deslizamentos; Campus IFRJ Alemão também é aguardado por moradores



Construção do campus Complexo do Alemão do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ)

THIAGO HERMINIO

Quem mora na Rocinha, Zona Sul do Rio, Complexo do Alemão, Complexo da Maré, Zona Norte, e no Jardim Maravilha, em Guaratiba, Zona Oeste, conhece de perto o esgoto na porta de casa, o barranco que ameaça cair na chuva forte e a casa pequena demais para tanta gente. Para mudar essa realidade, as três grandes favelas e o loteamento popular foram escolhidas para receber obras do Novo PAC Periferia

Viva, programa do Governo Federal. Juntas, devem receber cerca de R\$ 1,1 bilhão, o maior pacote de obras em favelas dos últimos anos.

O dinheiro está dividido assim: a Rocinha vai receber R\$ 350 milhões. O Jardim Maravilha, em Guaratiba, R\$ 340 milhões. O Complexo do Alemão, R\$ 210 milhões. E o Complexo da Maré, R\$ 171,7 milhões, sendo R\$ 8,5 milhões na primeira etapa.

Esse dinheiro quer dizer obras de urbanização, saneamento básico, como rede e tratamento de esgoto, água na torneira, muros para se-

gurar as encostas, novas moradias e mais dignidade. Para quem vive em área de risco, pode ser a diferença entre dormir em paz e passar a noite com medo da chuva.

O problema é que obras desse tamanho levam anos. E 2026 é ano de eleição. Quando um novo governo chega, ele pode segurar o dinheiro e não liberar, o que se chama contingenciamento. Ou pode mandar a verba para outros projetos, o que se chama remanejamento. Nos dois casos, quem perde são os moradores de favelas e periferias que há décadas esperam ser prioridade.

IFRJ no Alemão: uma luta de quase 20 anos

Outro sonho antigo do Complexo do Alemão também depende do Novo PAC: o campus do Instituto Federal do Rio de Janeiro, o IFRJ, escola pública e gratuita com cursos técnicos e faculdade. O projeto começou em 2011, ainda no governo Dilma, mas a autorização venceu em 2015. Em fevereiro de 2024, o presidente Lula lançou a pedra fundamental, e a promessa era terminar a obra em dezembro de 2025, o que não ocorreu.

Em novembro de 2025, o Fórum de Ação Popular do CPX fez uma ocupação com educação e cultura na entrada do terreno para cobrar o começo das obras. Só em março de 2026 o Ministério da Educação autorizou a construção, e em junho iniciaram as obras. A obra custa R\$ 21 milhões e a entrega está prevista para o primeiro semestre de 2028. O campus vai rece-

ber até 1.500 estudantes e será a primeira unidade da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica instalada dentro de uma favela do Rio de Janeiro.. Ou seja, quem vai terminar essa obra é o próximo governo.

Hoje, muitas das obras do Periferia Viva ainda estão no começo, entre o projeto e o edital, que é o documento usado para escolher as empresas. É nessa fase que uma mudança de rumo pode mandar tudo de volta para a gaveta.

Para lideranças comunitárias, obra em favela tem que ser compromisso do Estado, e não de um governo só. Enquanto isso, a comunidade pode acompanhar as reuniões e perguntar aos candidatos o que eles vão fazer com o Periferia Viva e com o IFRJ. Na Rocinha, no Alemão, na Maré e no Jardim Maravilha, o voto também é uma forma de defender essas obras.

Pacote de Medidas: Prospera MEI

Iniciativa pode aliviar dívidas de cerca de 3,6 milhões de empreendedores e destravar pequenos negócios

VOZ DAS COMUNIDADES

O Governo Federal anunciou na última terça-feira (13), no Palácio do Planalto, o Prospera MEI, pacote de cinco medidas voltado a microempreendedores individuais (MEIs). A iniciativa busca aliviar dívidas, ampliar acesso a crédito e reduzir a burocracia, beneficiando milhões de pessoas que trabalham por conta própria em todo o país.

Perdão de débitos

A principal proposta perdoa de maneira integral dívidas dos MEIs. Com isso, cerca de 3,6 milhões de microempreendedores, com débitos que somam R\$ 12,6 bilhões, poderão ser beneficiados. O objetivo é eliminar pendências, retirar ações judiciais de cobrança e permitir que autônomos consigam certidão negativa de débitos para continuar suas atividades de trabalho.

Desenrola 3.0

O governo identificou aproximadamente R\$ 6 bilhões em débitos de MEIs com instituições financeiras. Para aliviar, propõe comprar essas carteiras de dívidas, exigindo que os bancos ofereçam desconto mínimo



Salões de beleza, barbearias, manicures, costureiras, entre outros serão beneficiados

de 90%. A negociação será feita diretamente entre governo e bancos, sem necessidade de ação imediata dos empreendedores.

PixMEI

A terceira medida é o PixMEI, que prevê apoio financeiro de até R\$ 5 mil por beneficiário. O recurso poderá ser usado para melhorar a estrutura dos pequenos negócios, como comprar equi-

pamentos para um salão de beleza, barbearia, reforçar uma barraca de alimentos ou adquirir uma moto elétrica, para quem trabalha com entrega. O programa pretende beneficiar 1 milhão de MEIs em quatro anos, com investimento total de até R\$ 5 bilhões.

Outra ação mira na ampliação do teto de faturamento anual do MEI, que não é atualizado há oito anos. A proposta em trami-

tação no Congresso prevê elevar o limite para R\$ 110 mil em 2027 e R\$ 140 mil em 2028, além de permitir a contratação de um segundo funcionário. A medida quer evitar que empreendedores sejam obrigados a deixar a categoria por ultrapassar o teto, garantindo espaço para crescimento gradual.

Por fim, o governo editou um decreto que dispensa a emissão de nota fiscal pelos MEIs nas vendas de produtos e serviços a pessoas físicas. A iniciativa também contempla os chamados nanoempreendedores, que faturam até metade do teto do MEI. Esse público ficará dispensado de abrir CNPJ e de emitir nota fiscal em vendas para consumidores finais, reduzindo exigências burocráticas.

Se todas as medidas forem aprovadas e implementadas, o impacto pode ser significativo: dívidas eliminadas, crédito destravado, apoio direto para investimento e menos problemas.

VILMA RIBEIRO / VOZ DAS COMUNIDADES

THIAGO HERMINIO

A pesquisa Rotina Calculada, da Movimentos, com apoio do Instituto Update e do Instituto Fogo Cruzado, ouviu quatro grupos focais de mulheres da Região Metropolitana do Rio. Elas foram divididas por renda (baixa e média/alta) e por território (periférico e não periférico). O objetivo era entender como o medo interfere na rotina.

Para elas, circular exige cálculo diário: roupa, trajeto, horário, transporte, companhia. Não é medo sem motivo. É realidade de uma cidade que não foi feita para a segurança feminina.

Em outra pesquisa citada no relatório, 92% dos entrevistados reconhecem que mulheres enfrentam riscos específicos que homens não enfrentam. E apenas 41% acham que a polícia protege a população. Entre moradores de

Medo não pode organizar a vida das mulheres, aponta pesquisa

Estudo Rotina Calculada ouviu quatro grupos de mulheres da Região Metropolitana e mostra que insegurança pesa mais para quem tem baixa renda e mora em áreas periféricas



Segurança virou mercadoria. Nenhuma mulher está plenamente segura em qualquer espaço

favelas, esse número cai para 13%.

A renda faz diferença. Mulheres de baixa renda e áreas periféricas têm menos opções para evitar riscos. Sem dinheiro para

aplicativo, muitas andam a pé por ruas perigosas, saem de madrugada e encaram assédio. Uma entrevistada disse que recusar trabalho é luxo. Outra andava por um caminho

conhecido como Rua do Perdeu porque não tinha vale-transporte.

Já as de renda média/alta podem pagar Uber, táxi, carro ou dormir na casa de amigas para não

voltar de madrugada. A pesquisa mostra que a segurança virou mercadoria: quem pode, paga; quem não pode, se arrisca.

O assédio e a violência sexual aparecem como maiores medos. Homens desconhecidos são ameaça. Mas companheiros, pais e irmãos viram escudo para circular à noite.

O estudo, lançado em outubro de 2026, defende que segurança pública não é só policiamento. Precisa de iluminação, transporte noturno, comércio aberto e presença do Estado. O medo não pode continuar decidindo a vida das mulheres. Uma cidade viva é uma cidade segura para todas.

VILMA RIBEIRO / VOZ DAS COMUNIDADES



Sua oportunidade de renda está aqui!

+65 milhões de usuários:
mais visibilidade e vendas

Comece a vender em 24h.
Com a nossa tecnologia,
abrir sua loja é fácil!

ifood
Faz tudo para o seu restaurante crescer



Cadastre seu restaurante agora



Vem entregar no app que mais toca no Brasil

Você pode ganhar R\$ 5.000 por mês

Tenha seguro, saúde e educação gratuitamente



Cadastre-se e comece a fazer entregas

Coletivo Especiais da Maré fortalece o acesso a direitos de mais de 800 famílias atípicas do Complexo

Projeto promove inclusão e acolhimento com ações informativas e de suporte para a rotina de crianças e adultos com deficiência

JAQUELINE CRUZ

Criado no Complexo da Maré há oito anos, o coletivo Especiais da Maré já se tornou referência ao promover acolhimento, orientação sobre direitos básicos e apoio para mais de 800 famílias de crianças e adultos com deficiência nas 16 favelas da região.

Fundado por Alusca Cavalcante, mãe de Pedro Henrique, de 17 anos, que tem paralisia cerebral, o coletivo nasceu a partir da busca por atendimento escolar em casa, que resultou no contato com outras mães atípicas do território.

“Conheci o professor Luiz no atendimento domiciliar. Ele via a dinâmica que eu fazia com o Pedro e dizia: ‘preciso que você converse com a mãe de um aluno meu’. Assim começou meu contato com as famílias atípicas da Maré”, relata Alusca.

Além do isolamento social e do preconceito, a falta de acessibilidade e de serviços de saúde afeta a rotina local. Juliana Mesquita, coordenadora do projeto e mãe de Pietra, primeira aluna com deficiência da Orquestra Maré do Amanhã, destaca o papel da informação. “Antigamente, não víamos pessoas com deficiência transitando na Maré. No grupo de WhatsApp do coletivo, trocamos informações e damos suporte sobre LOAS, cartão de passagem e defensoria.”

A gestão conta também com Valéria Viana, Lorryne Gomes e Antônia Souza. Mulher com

deficiência, Antônia integra a liderança. “É muita responsabilidade. Muitas vezes não consigo ir a eventos porque dependo do apoio do meu irmão, mas as meninas me ajudam. É um prazer estar com mulheres tão potentes.”

A moradora Thelma, mãe de Ian Carlos, de 27 anos, que adquiriu deficiência após ser atingido por um tiro na comunidade há 15 anos, reforça o direito de ocupar o território. “Nossa dificuldade é transitar porque não temos calçadas nem rua adequada. Mas estamos em todo lugar mostrando que esse espaço também é nosso e deve ser respeitado.”

Para enfrentar essas barreiras, o coletivo integrou o desenvolvimento do Programa Bira Carvalho, plataforma do Observatório de Favelas com mapeamento participativo de mais de 130 pontos acessíveis e inacessíveis na Maré.



Roda de acolhimento na sede do projeto

UENDELL VINICIUS / VOZ DAS COMUNIDADES



Integrantes da gestão do Especiais da Maré



Juliana Mesquita, Antônia Souza e Alusca Cavalcante, respectivamente

UENDELL VINICIUS / VOZ DAS COMUNIDADES



O cuidado e o afeto com as crianças é um grande diferencial

REDE DE APOIO NA PRÁTICA

O coletivo realiza rodas de conversa e mantém o “guarda-roupa solidário” na Vila Olímpica do Seu Amaro para distribuição de roupas e equipamentos, além de doações de fraldas, medicamentos e cestas básicas. A rede também viabiliza capoeira com a ONG Luta Pela Paz, teatro no Museu da Maré, vagas na Orquestra Maré do Amanhã e descontos em centros de reabilitação.

Para Bruna, mãe de Bryan, de 6 anos, uma criança com autismo, o coletivo foi essencial para aprender a acessar benefícios, cartões de passagem e as terapias do filho. “Se não fosse esse grupo, eu realmente não sei o que seria da gente”, afirma.

Além das mães, o coletivo aproxima pais atípicos. Adilson, pai do Giovanni, de 12 anos, que tem paralisia cerebral e hidrocefalia, ressalta. “Ser pai atípico é ser o atípico do atípico, porque muitos somem. Abraçei a causa por amor. Olhando de fora, vejo também o preconceito contra as mães por serem mulheres. No coletivo, sou acolhido e entendo meu papel de dar exemplo a outros pais”.

Apesar dos avanços, a principal reivindicação das famílias continua sendo a criação de um centro de reabilitação no próprio território para atendimentos de fonoaudiologia, fisioterapia e terapia ocupacional pelo SUS.

Serviço:

Para conhecer mais o trabalho, acompanhar as ações do coletivo ou contribuir com doações, entre em contato através dos canais oficiais:

Instagram: @especiaisdamare

WhatsApp: (21) 97222-8603

De professora a especialista no ramo da beleza, empreendedora inspira mulheres com disciplina e inclusão

KAREN MELO

Existem histórias que não apenas emocionam, mas acendem a certeza de que o futuro pertence a quem tem coragem de sonhar. No coração do Complexo do Alemão, o estúdio de Thamara Cordeiro ultrapassa a função de um espaço de estética: é um ponto de encontro e transformação. A trajetória da nail designer (designer de unhas) e empreendedora reflete como a qualificação técnica e a gestão de visão têm o poder de resgatar a dignidade e mudar realidades locais.

Das Raízes no Alemão ao Início no Improviso Cria da favela, Thamara aprendeu desde cedo o peso das responsabilidades. Aos 15 anos, viveu a maternidade jovem com a chegada do seu primeiro filho, Davi, e mais tarde da caçula Ayla. Apoiada por seu esposo Diego, companheiro constante em toda a sua jornada, e por uma rede de afeto familiar, conciliou os cuidados da casa com a rotina de estudos: concluiu o Curso Normal e dedicou anos ao ensino infantil.

"Ser mãe jovem me ensinou a não ter medo do trabalho. Cada desafio que enfrentei só fortaleceu minha vontade de dar o melhor para os meus filhos e provar que nós, mulheres da favela, somos capazes de ir além de qualquer estatística", destaca Thamara.

Quando a pandemia de 2020 trouxe incertezas e as escolas fecharam, Thamara enxergou no horizonte a oportunidade de florescer. Ao resgatar o Auxílio Emergencial acumulado, tomou a decisão de investir no primeiro curso de alongamento e cuidado com as unhas. Sem estrutura própria no início, atendia as clientes em domicílio.

"Eu colocava o material todo nas costas e saía andando. Não tinha mesa profissional, então usava a tábua de passar roupa da minha mãe na casa das clientes. O importante era entregar um trabalho bem-feito com o que eu tinha nas mãos", relembra a profissional.

Rigor Profissional e Acessibilidade em Libras

A consolidação no mercado veio acompanhada de um padrão operacional rigoroso em pontualidade, biossegurança e sigilo profissional. Para garantir a acessibilidade em seu espaço, aprendeu voluntariamente a Língua Brasileira de Sinais (Libras) ao identificar barreiras na comunicação com uma cliente com deficiência auditiva e de fala.

"O atendimento de alto padrão começa no respeito. Quando percebi que minha cliente não conseguia se comunicar plenamente, entendi



Nail design é profissão, exige estudo contínuo e dá independência de verdade, diz Thamara Cordeiro

que eu precisava aprender a linguagem dela. Inclusão não é um diferencial marketing, é um dever de quem trabalha com gente", afirma.

A conquista do espaço físico próprio teve o suporte direto da estrutura familiar. Durante seis meses, seu pai liderou a reforma de uma antiga kitnet na Rua Nage, onde funcionava a garagem

da família, enquanto o marido, Diego, e seu irmão garantiram o suporte operacional.

"Olhar para o estúdio pronto e saber que cada tijolo teve o suor do meu pai, do meu marido e do meu irmão me dá

muíto orgulho. Sem a minha família ao meu lado, eu não teria chegado até aqui", reconhece.

Valorização da Categoria e Autonomia Financeira Outro pilar da sua atuação é a desconstrução do estigma que desvaloriza o trabalho estético em comunidades. A transição do papel de manicure tradicional para o de nail designer veio acompanhada de uma postura de gestão e busca contínua por certificações técnicas.

"Muitas pessoas ainda enxergam o trabalho com unhas como 'bico' ou algo sem valor. Quando me especializei e passei a me posicionar como nail designer, mostrei que é uma profissão que exige estudo contínuo, biossegurança e que pode, sim, trazer independência financeira de verdade", pontua Thamara.

A dedicação refletiu-se em avanços patrimoniais concretos, como a aquisição do primeiro carro, moto, a estruturação do estúdio próprio e a conquista da casa própria. "Dizem que o empreendedorismo aprisiona, mas comigo foi o contrário. A qualificação me deu liberdade. Consegui mudar a realidade da minha família e realizar sonhos que antes pareciam distantes apenas fazendo o que amo com disciplina", ressalta.

Multiplicadora de Impacto Social Com a agenda consolidada, a empreendedora dedica parte de seu trabalho a incentivar outras moradoras do Complexo do Alemão a conquistarem sua emancipação financeira, com atenção especial às jovens mães. "Hoje meu foco é mostrar para outras mulheres, principalmente para as mães jovens da comunidade, que existe um caminho. O mercado da beleza é uma ferramenta potente de libertação quando a gente se dedica com seriedade e postura empresarial", afirma.

Ela conclui com uma mensagem de esperança e motivação. "Deus jamais colocaria um sonho no seu coração que não pudesse colocar nas suas mãos. Acredite na sua força, trabalhe com verdade e saiba que você é capaz de construir a história que merece."

Conheça o trabalho da Thamara Cordeiro | Nail Designer através do Instagram <https://www.instagram.com/thamaracordeiro/>

VITORIA GAIA / VOZ DAS COMUNIDADES

A qualificação técnica deu liberdade e transformou a realidade de Thamara Cordeiro

VITORIA GAIA / VOZ DAS COMUNIDADES

VITORIA GAIA / VOZ DAS COMUNIDADES



Pessoas negras (pretas e pardas) representam 78,45% da população das favelas no estado do Rio de Janeiro

Moradores relembram dia, relatam medo, luto e falta de mudanças; pesquisa aponta rejeição de 92% ao modelo atual de operações policiais, enquanto Douglas Ruas defende ocupação permanente de territórios

KAREN MELO

Em 28 de outubro de 2025, uma operação policial nos complexos da Penha e do Alemão terminou com mais de 122 mortos e se tornou uma das ações policiais mais letais da história do país. A operação, batizada de Contenção, deixou marcas que vão além das mortes: moradores tiveram a rotina interrompida, comerciantes enfrentaram um cenário de medo e famílias passaram a conviver com a perda de parentes.

Às vésperas de completar um ano, a ação continua no centro do debate sobre segurança pública no Rio de Janeiro. Enquanto investigações sobre possíveis irregularidades seguem em andamento, relatos de moradores e uma pesquisa realizada em quatro grandes conjuntos de favelas questionam a eficácia do modelo baseado em confrontos armados. Ao mesmo tempo, o plano de governo de Douglas Ruas, eleito governador do Rio de Janeiro em primeiro turno, após decisão do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), apresenta a ocupação permanente de territórios dominados por facções como uma das estratégias de segurança.

Para quem sobreviveu aquele dia, porém, a discussão não se resume à presença policial. Envolve também a possibilidade de circular, trabalhar, acessar serviços e viver sem o medo de que uma nova operação interrompa tudo novamente.

Pesquisa da Redes da Maré, realizada com 4.080 Moradores da Maré, Penha, Alemão e Rocinha, aponta que 73% discordam do modelo atual de operações policiais com confronto armado. O levantamento também identificou críticas à atuação policial e à forma como as ações são planejadas nos territórios

O medo que fica depois dos tiros

Um comerciante da região da Penha, que pediu para não ser identificado, trabalha há mais de 25 anos no território. Ele conta que a operação começou de madrugada e que, no início, os moradores não sabiam de onde vinham os disparos. Ao longo do dia, viu pessoas chorando, corpos no chão e familiares tentando reconhecer os mortos. “Eu tenho mais de 25 anos de comércio aqui e nunca vi algo como aquilo. Tanta gente chorando, a igreja ajudando, as pessoas tendo que reconhecer os corpos. Foi triste demais”, relembra.

Ele diz que o medo não se limitou ao dia da operação. Depois que os jornalistas foram embora, permaneceu a preocupação com a possibilidade de uma nova ação policial. A proximidade do fim do ano, período importante para as vendas, também foi afetada pelo impacto emocional da violência. “Eu nunca vi tanta gente morta nesse chão. Fiquei com os gritos na cabeça. Era quase final de ano, acabou com tudo. Comemo-

rar o quê? Vender o quê? Quem ia fazer Natal com aquela cena na nossa cabeça?”, lamenta.

Para ele, não houve mudanças suficientes depois da operação. “Tá tudo igual. A operação só serve pra matar”, afirma, resumindo sua percepção sobre os resultados da ação.

O luto continua presente na vida de Rackel Rio, mãe de Yago Ravel, morto de maneira cruel durante a chacina. Além de lidar com a perda do filho, ela acompanha a saudade sentida pela neta, que pergunta pelo pai. Diante de uma perda tão violenta, Rackel também chama atenção para a importância do acolhimento e do apoio às famílias que precisam reconstruir a vida depois de uma tragédia como essa.

“Meus dias não são fáceis eu estou sempre me reinventando, meu filho se foi da pior maneira possível e com ele se foi quem eu era também deixou um vazio, minha neta e meu filho mais novo que são meus motivos pra continuar e Deus que tem me sustentado. Luto é devastador se você não tiver um motivo pra continuar, sabedoria e discernimento ele te consome”, diz a mãe.

Quase um ano depois, megaoperação na Penha e Alemão ainda divide debate sobre segurança pública



Nove em cada dez moradores de comunidade reprovam operações violentas

Pesquisa aponta rejeição ao modelo atual

A percepção de que as operações não garantem segurança aparece também na pesquisa *Por que moradores de favelas aprovam ou reprovam operações policiais com confronto armado?*, divulgada em maio de 2026. O levantamento ouviu presencialmente 4.080 moradores dos complexos da Penha e do Alemão, da Maré e da Rocinha, em janeiro deste ano e foi realizado por seis organizações da sociedade civil com atuação nas favelas.

Segundo o estudo, **73% dos entrevistados discordam das operações policiais com confronto armado realizadas nesses territórios**. Quando perguntados sobre a forma como as ações são conduzidas atualmente, **92% desaprovam o modelo**. Além disso, 95% consideram que as operações não contribuem para aumentar a segurança das famílias. **Para 85% dos participantes, ações com número elevado de mortes, como a de outubro de 2025, não deveriam se repetir**.

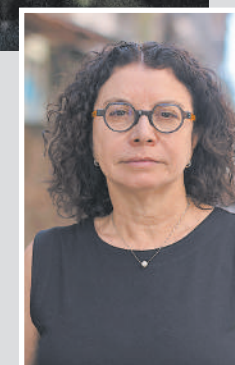
Os dados também mostram que **91% dos entrevistados reconhecem a existência de excessos e ilegalidades policiais**, enquanto 61% dizem perceber racismo na maneira como as operações são planejadas e realizadas, e outros 13% afirmam

que isso acontece às vezes.

O Estudo não representa apenas uma rejeição à presença do Estado, mas aponta a demanda por outra forma de atuação. Entre os entrevistados, **68% defendem que as operações sejam realizadas de maneira diferente**, enquanto 24% dizem que elas não deveriam ocorrer em favelas.

Para Eliana Sousa Silva, diretora-fundadora da Redes da Maré e coordenadora do estudo, é necessário reconhecer a experiência dos moradores e considerar o conhecimento produzido pelas organizações que acompanham a violência nos territórios. *“É fundamental que os novos governantes consigam olhar para esse processo histórico de negligências e violações de direitos e percebam a segurança pública como um direito humano”, afirma.*

Eliana destaca que as operações afetam serviços, trabalho e circulação. Escolas podem fechar, unidades de saúde interromper o atendimento e moradores deixar de comparecer a consultas ou ao emprego. Para ela, esse cenário não pode ser tratado como garantia de segurança pública. *“A vida hoje de uma pessoa que mora em favela está completamente banalizada. Ela não tem a mesma valoração que se tem quando estamos pensando em outras regiões da cidade”, diz.*



Eliana Sousa Silva é educadora, fundadora e diretora da ONG Redes da Maré



Reação das mães ao reconhecer seus filhos

As propostas do novo governo do Estado e o desafio da mudança

No plano de governo de Douglas Ruas (PL), a segurança pública aparece como prioridade. Entre as propostas está o programa Escudo Fluminense, que prevê o uso de tecnologias como reconhecimento facial, leitores de placas e drones, além da ocupação permanente de comunidades dominadas por grupos armados. O documento também propõe retirar o índice de letalidade policial das metas da corporação, sob o argumento de que o indicador não diferencia mortes em legítima defesa de homicídios cometidos por agentes.

As propostas colocam em debate quais resultados serão usados para avaliar a política de segurança. O uso de tecnologia e a permanência das forças policiais nos territórios, por si só, não respondem às preocupações apontadas pelos moradores: redução de mortes, prevenção de abusos, respeito aos direitos humanos e acesso contínuo a serviços públicos.

O novo governador eleito descartou interferências políticas nos comandos da segurança e avaliou que o modelo das antigas UPPs cometeu falhas ao ocupar áreas com



Douglas Ruas foi eleito governador no 1º turno após decisão do TSE

rapidez sem prender lideranças criminosas, gerando a migração de quadrilhas para outros municípios. *“No meu governo o Estado entra e não sai mais”, declarou.*

A discussão ganha importância também diante dos desdobramentos judiciais da Operação Contenção. Em 8 de outubro de 2026, a Auditoria da Justiça Militar recebeu três denúncias do Ministério Público do Rio de Janeiro contra oito policiais militares por suspeitas de crimes como invasão de domicílio, furto e descumprimento de ordens. Segundo o MPJR, parte dos agentes teria retirado ou obstruído câmeras corporais para impedir o registro regular da ação. Ao

todo, o órgão informou ter apresentado seis denúncias contra 17 policiais relacionadas à operação. As acusações ainda precisam ser julgadas.

Nas eleições de 2026, os ex-secretários estaduais das polícias Civil e Militar, que estiveram à frente da Operação Contenção, conquistaram cargos legislativos: Felipe Curi foi eleito deputado federal e Marcelo de Menezes, deputado estadual. O resultado eleitoral não permite concluir, por si só, como os eleitores avaliam a operação, mas mostra que nomes ligados à segurança continuam ganhando espaço na política fluminense.

Procurada para comentar as propostas de segurança pública, os questionamentos levantados pelos moradores e Voz das Comunidades, a assessoria de Douglas Ruas não respondeu até a publicação desta reportagem.

Para Eliana, uma mudança efetiva exige superar a lógica exclusivamente bélica e considerar as experiências das comunidades na construção das políticas públicas. O desafio é garantir que a segurança seja um direito para quem mora nas favelas, e não uma rotina de medo e interrupções.



Corpos sendo recolhidos pelo rabeção na Praça São Lucas, Penha

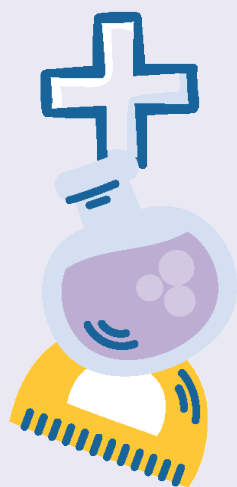
**TRABALHO
MUDA VIDAS,**

**CORAGEM
TRANSFORMA
A CIDADE**

Para quem precisa de atendimento de saúde, a coragem vira cuidado. Para o aluno dos novos GETs, a coragem vira oportunidade. Para o trabalhador que usa o BRT, a coragem vira respeito. Para o cidadão que vê a Força Municipal na rua, a coragem vira tranquilidade. **O Rio é pra quem tem coragem de enfrentar problemas com gestão profissional, transparência e compromisso com a nossa gente. O trabalho muda vidas, a coragem transforma a cidade.**

coragemtransforma.prefeitura.rio

P R E F E I T U R A
 **RIO**
A SERVIÇO DE TODO CARIOCA



“Quem ensina aprende ao ensinar; quem aprende ensina ao aprender.”

Professores voluntários, Antonio Felipe e Milena Rodrigues falam sobre o trabalho pela educação de crianças e jovens nas favelas



THIAGO HERMINIO

Em muitas favelas do Rio, tem gente que tira tempo do trabalho, da faculdade e da própria vida para ensinar de forma totalmente gratuita. São professores voluntários que, sem salário e muitas vezes sem estrutura, ajudam crianças e jovens a sonhar com a universidade. Muitos chegaram até ali do mesmo jeito: vindos da escola pública, sem dinheiro para cursinho. Eles dão aula em salas emprestadas, lidam com falta de água, falta de luz e tiroteio, e mesmo assim voltam no dia seguinte. Esta matéria conta a história de dois deles, mas fala de todos.

Antonio Felipe Brito Fernandes, de 27 anos, nasceu em São Benedito, no Ceará, e hoje mora na Rocinha. Estudou a vida toda em escola pública e veio para o Rio para cursar Direito. Conheceu a Rede Só Cria pelas redes sociais, começou aju-



Pré-vestibular “Só Cria”

dando na comunicação, virou professor e hoje é coordenador na Rocinha, onde as aulas acontecem na Casa da Paz, de segunda a sexta, para 33 alunos. “O nosso grande objetivo é que pessoas de favela consigam entrar na universidade”, explica. Ele diz que nunca pensou em

desistir. “O que me move é o sonho de tantas pessoas que acreditam no nosso trabalho.”

Para Antonio, a maior alegria é a notícia da aprovação. “Parece que a gente tá sendo aprovado junto com eles. É mágico”, conta. Em quase sete anos, mais de 100 alunos do projeto passaram na faculdade, e muitos voltaram para dar aula. É assim que a corrente cresce: quem foi ajudado passa a ajudar.

No Complexo do Alemão, Milena Rodrigues, de 26 anos, coordena o polo. Ela nasceu na Rocinha, cresceu na Praça Seca e está terminando Ciências Econômicas na UFRJ. Sem dinheiro para cursinho, estudou sozinha, com vídeos no YouTube. Aos 17 anos, virou voluntária num pré-ves-

tibular comunitário e nunca mais saiu desse caminho. Já deu aula de matemática e hoje cuida de cerca de 30 crianças no reforço escolar.

“Não é porque essas crianças não podem pagar que elas não têm direito a um bom ensino”, afirma. Ela conta que os voluntários do polo são estudantes de pedagogia, licenciatura, psicologia e serviço social. Gente que, como ela, acredita que a educação muda vidas. Milena se emociona ao lembrar de um menino que chegou com muita dificuldade para ler e escrever e, em pouco tempo, passou a acompanhar a turma da escola.

A rotina de quem ensina na favela é pesada, e Milena não esconde isso. “Quando teve aquela chacina no Complexo do Alemão, a gente ficou uma semana sem aula”, lembra. Ela já pensou em desistir por causa da violência e da

distância. Mas ficou. “Se a gente desiste da educação dessas crianças, a gente deixa esses problemas continuarem.”

O que esses professores recebem em troca não é dinheiro. “Eu ganho esperança, experiência e muita força para continuar lutando por uma cidade melhor”, diz Milena. Antonio resume o sentimento de muitos. “Aos poucos, a gente tá colocando a favela na universidade e a universidade dentro da favela.”

Se você também é professor voluntário em algum cursinho, reforço ou projeto da sua comunidade, essa história é sua também. O seu esforço conta, mesmo quando ninguém vê. Cada aula dada é uma porta que se abre para alguém. E se você quer começar, a Rede Só Cria está de portas abertas: as inscrições para voluntários, alunos e doações estão no Instagram do projeto. Tudo é gratuito.

“O nosso grande objetivo é que pessoas de favela consigam entrar na universidade”



REPRODUÇÃO



Milena Rodrigues é que está com a faixa branca no cabelo e o Antonio Felipe Brito Fernandes é da outra ponta de óculos

REPRODUÇÃO



Todos os dias tem lanche para crianças do reforço escolar

ID JOVEM BLOQUEADO, CRIA?

Saiba como resolver com atualização do CadÚnico para garantir o seu direito

Documento gratuito dá meia-entrada em shows, jogos e viagem de ônibus de graça para outros estados, mas só sai para quem atualizou o cadastro nos últimos dois anos



REPRODUÇÃO

THIAGO HERMINIO

Muitos jovens de favelas e periferias têm direito ao ID Jovem e nem sabem. E tem quem até tenta tirar o documento, recebe uma mensagem de erro no celular e desiste. Na maioria das vezes, o problema é um só: o CadÚnico da família está desatualizado. O Voz das Comunidades explica o que trava o documento e como resolver.

O ID Jovem é uma carteirinha digital, gratuita, Governo Federal. Com ela, o jovem paga meia-entrada em cinema, teatro, shows, jogos, e pode viajar de ônibus para outro estado de graça ou com desconto. Para ter direito, é preciso cumprir três regras ao mesmo tempo: A primeira é ter de 15 a 29 anos. A segunda é fazer parte de uma família que ganha até dois salários mínimos por mês, somando todo mundo da casa, o que em 2026 dá R\$ 3.242. A terceira é estar no CadÚnico com os dados atualizados nos últimos dois anos. Não precisa estar estudando.



O detalhe que trava o documento

Muitas famílias entraram no CadÚnico para receber o Bolsa Família, mas nunca mais voltaram ao CRAS para atualizar seus dados. Quando o cadastro fica sem atualização por mais de dois anos, o sistema do ID Jovem bloqueia a emissão do documento. O aplicativo não explica bem o motivo e, por isso, muitos jovens acreditam que não têm direito ao benefício.

Na prática, isso significa que um jovem da favela que tenta comprar ingresso para um show ou viajar para outro estado pode receber uma mensagem de erro

ao solicitar o ID Jovem pelo celular. Sem saber que bastava a família atualizar o cadastro no CRAS, ele acaba desistindo e perde o acesso ao direito garantido por lei.

Outra coisa importante: o jovem não precisa ser o responsável pelo cadastro. Basta o nome dele estar no CadÚnico da família, como filho, neto ou sobrinho.

Também é preciso atualizar o cadastro sempre que alguma coisa mudar na família, mesmo antes de completar dois anos.

Isso vale para nascimento, mudança de casa ou na renda. Assim o jovem não perde o direito.



Onde resolver

A atualização é feita no CRAS, o Centro de Referência de Assistência Social. Cada CRAS atende algumas favelas e bairros. Para saber qual é o mais perto da sua casa, ligue para o 1746, da Prefeitura do Rio, ou pergunte na Clínica da Família ou na Associação de Moradores.

Quem vai ao CRAS é o responsável pela família, a pessoa que fez o cadastro. Ele precisa levar documento com foto e CPF de todos que moram na casa, além de comprovante de endereço. O atendimento é de graça.

Depois de atualizar o cadastro, pode levar até 45 dias para o sistema do ID Jovem reconhecer a mudança. Por isso, não deixe para a última hora se já tem show ou viagem marcada no calendário. E fique atento: o ID Jovem é sempre gratuito. Se algum site ou pessoa cobrar para fazer o documento, é golpe.

PASSO A PASSO PARA TIRAR O ID JOVEM



Confira o CadÚnico

Veja se a família está no CadÚnico e quando foi a última atualização. Dá para conferir no aplicativo Meu CadÚnico ou perguntar no CRAS.



Atualize no CRAS

Se passou de dois anos, o responsável pela família vai ao CRAS com documento com foto, CPF de todos da casa e comprovante de endereço.



Aguarde a atualização

Espere a atualização entrar no sistema. Pode levar até 45 dias.



Baixe o app oficial

Baixe no celular o aplicativo oficial ID Jovem, que é de graça.



Informe seus dados

Coloque seus dados, como nome, CPF e o número do NIS, que aparece no cadastro.



Pronto!

Na hora de comprar ingresso ou passagem, mostre o ID Jovem junto com um documento com foto.

Acesse o site <https://idjovem.juventude.gov.br/> e confira todas as informações

*MARIANA DE PAULA



* É engenheira de produção pela UNIRIO e cofundadora e diretora executiva do Instituto Decodifica. Acredita na força da organização coletiva e na produção de conhecimento como caminhos para transformar realidades e ampliar a participação política. É a partir dessa perspectiva que atua com geração cidadã de dados, comunicação e incidência política, conectando os saberes e as experiências das favelas e periferias aos espaços de decisão. É também cofundadora da coalizão O Clima é de Mudança, fellow da BMW Foundation e da Columbia Women's Leadership Network, conselheira da Cidade do Rio e da CTRL+Z, além de integrar o Comitê de Equidade Racial da Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro.

É na luta que a democracia se encontra

Dia desses, assisti a Rustin, filme sobre Bayard Rustin, homem negro, gay, ativista e um dos organizadores da Marcha sobre Washington por Empregos e Liberdade, em 1963, palco do histórico discurso “Eu Tenho um Sonho”, de Martin Luther King Jr. Ver esse filme neste período eleitoral trouxe um olhar mais político pra coisa toda; me lembrou que transformações não acontecem da noite para o dia, exigem paciência e memória dos caminhos de nossas mais velhas e nossos mais velhos. Rustin revela a força de quem mobiliza pessoas, constrói alianças e insiste em mudar estruturas que parecem imutáveis - há muitos de nós que fazem isso aqui no Brasil.

O contexto democrático atual é desafiador. As análises são muitas, correndo como rios de diferentes nascentes, carregando inquietações, contradições e esperanças. Nem sempre seguem o mesmo curso, mas talvez seja dessa confluência que possa nascer um oceano de possibilidades para o futuro que queremos construir.

Em qualquer dos caminhos, o pano de fundo é o mesmo: um país que ainda convive com as consequências de sua história escravocrata, com profundas desigualdades e com ameaças recorrentes às instituições democráticas. Em meio à polarização, relembremos direitos que chamamos de básicos, mas que a conquista e manutenção não têm nada de simples. Dizem que brasileiro tem memória curta. Mas muitos de nós não só lembram, como ainda vivem as dificuldades.

O momento exigiu que a defesa da democracia ganhasse contornos amplos o suficiente para colocar mais gente nessa conversa. E vieram as contradições, que

por um lado, também são motores de reorganização. Ampliar a conversa exige reconhecer que nem todos chegam nela nas mesmas condições, nem com a mesma possibilidade de influenciar seus rumos. Enquanto campanhas disputam narrativas nacionais, a vida cotidiana convive com enchentes, com o calor extremo, com saneamento precário, insegurança, bolso curto, falta de comida na mesa e dificuldades de mobilidade urbana e moradia. Problemas que não surgiram por acaso, mas refletem escolhas históricas sobre onde investir, o que priorizar e quem proteger. Quem tem participado das decisões que deveriam enfrentá-los?

Como mulher negra, sei bem que conquistar um direito não significa vê-lo chegar no dia a dia. Das cotas nas universidades aos direitos das trabalhadoras domésticas, nossa história é atravessada por lutas que ampliaram a democracia. Mas há uma distância entre o que a lei reconhece e o que a vida experimenta. Tenho encontrado essa contradição no trabalho de mobilização e produção de dados em favelas e periferias junto ao Instituto Decodifica. Por exemplo, uma enchente não significa apenas água entrando em casa; significa perder móveis, interromper o trabalho, comprometer a renda e, quase sempre, conviver com a insegurança de que tudo já já vai acontecer de novo. Essas consequências precisam orientar as decisões públicas. Há um longo caminho a percorrer, mas quero cobrar de quem governa a capacidade de ouvir e reconhecer os problemas, sem negar a relação entre aquecimento global e emissões humanas, nem tratar o saneamento como resposta suficiente

à crise climática.

Daqui pra frente, o chamado é para não encerrar a conversa quando a gente aperta o verde e confirma o voto na urna. É preciso trazer a democracia para a prática, para o palpável, para o sensível, como um arrepio na pele. Ela deve se materializar na possibilidade de influenciar decisões, disputar prioridades e construir as políticas que organizam nossas vidas.

Houve um esforço persistente para nos deixar de fora: “Política é muito chato, não é para você”. Favelas e periferias foram tratadas como objetos de estudo, sobre os quais outros produzem diagnósticos e soluções, sem perguntar para quem realmente conhece como a banda toca. Como nos lembra Sueli Carneiro, o racismo também se manifesta na desqualificação dos saberes produzidos por pessoas negras. Quem tem seu conhecimento desconsiderado dificilmente participa das decisões sobre o próprio futuro, mas o voto nos dá a chance de fazer diferente. Em tempos de desinformação, democratizar a produção do conhecimento também é defender a democracia.

Ao final, Rustin me lembrou que não há democracia sem organização coletiva, nem sem enfrentar exclusões nos espaços que dizem defendê-la. Precisamos assumir, juntas e juntos, a responsabilidade pelo que acontece depois das urnas, a partir de 26 de outubro: uma democracia que chegue às periferias, reconheça seus conhecimentos e permita que suas lideranças influenciem os rumos do país.

A gente se vê logo ali. Afinal, é na luta que a gente se encontra — e ela ainda está aqui.

**Criada em 2016
na Quadra do
Lazer, a Roda
Cultural da
Cidade de Deus
virou ponto de
encontro, trabalho
e esperança para
a juventude**

THIAGO HERMINIO

A Roda Cultural da Cidade de Deus, conhecida como RCCDD, completa 10 anos em 2026. O que começou como um encontro de amigos na Quadra do Lazer virou o movimento de rap mais antigo em atividade na Cidade de Deus, na Zona Sudoeste do Rio. Lá acontecem batalhas de rima, shows, DJ, dança e grafite, tudo de graça para os moradores.

O DJ Caio Augusto, de 28 anos, é um dos fundadores. Ele conta que, em 2016, a galera da Cidade de Deus só via batalha de rima pelo YouTube. “A galera não conseguia ir para o Tanque, que era em Niterói, São Gonçalo. Então a gente começou a idealizar isso para trazer mais para perto”, lembra. Os shows também eram poucos e caros. A Roda nasceu para mudar isso.

Com o tempo, a Roda cresceu. Passou a fechar a quadra de basquete do Lazer e levou grafite em lona gigante, barbearia, tranças e cortes de cabelo para dentro do evento. A Roda também abriu espaço para falar dos problemas da favela. Nas batalhas com temas, os MCs cantavam sobre a falta de cursos e projetos sociais, e os vídeos ajudaram mais a olhar para a Cidade de Deus. Caio conta ainda que, depois que a Roda foi registrada na Secretaria de Cultura, as operações policiais nas quintas-feiras foram diminuindo até



Roda Cultural da Cidade de Deus



10 anos da RCCD



Juliana Wanderley é a de rosa

DEZ ANOS DE RIMAS, BATIDAS E RESISTÊNCIA

parar. “A quinta-feira na Cidade de Deus era um dia de alegria”, diz.

Thiago Lima, o TH Lima, de 34 anos, é cria da Cidade de Deus, produtor cultural e repórter fotográfico. Ele assumiu a organização da Roda em 2021, junto com Vitor Franco. Um dos dias que ele nunca vai esquecer foi 10 de agosto de 2023. A filha mais nova dele nasceu pouco antes de um grande evento da Roda. Ele ficou na maternidade e Vitor, padrinho da menina, no evento, os dois dividindo a alegria pelo telefone. Para ele, o hip hop salva vidas. “É muito bonito ver a juventude tendo a possibilidade de sonhar a partir da música, da arte, da cultura”, afirma.

A jornalista Juliana Wa-



É sobre ser resistência

A MARGEM SE TORNA O CENTRO. A CIDADE DE DEUS SE TORNA O CENTRO DA CULTURA

nderley, a Taja Preta, chegou no fim de 2022 e hoje cuida da direção e da busca de dinheiro para os eventos. Ela é a única mulher negra e LGBTQIAPN+ à frente de uma roda cultural na comunidade. Segundo ela, o dinheiro que a Roda recebe volta para a própria favela,

com a contratação de frete, lona e comerciantes locais. “A margem se torna o centro. A Cidade de Deus se torna o centro da cultura”, explica.

Mas o caminho não foi fácil. Operações policiais, falta de dinheiro, machismo e preconceito estão entre os

desafios. O primeiro edital veio em 2022, da Funarte. Depois, a Roda virou Ponto de Cultura reconhecido pelo Ministério da Cultura e fez parceria com a Secretaria Municipal de Cultura. TH Lima lembra também da Lei 10.180, da deputada estadual Dani Monteiro, que leva o hip hop para as escolas.

Na festa de 10 anos, a Roda recebeu a rapper Camila CDD, uma das maiores referências do rap carioca. “A gente consegue honrar as nossas raízes e, ao mesmo tempo, mostrar que a gente vai muito além”, diz Juliana.

Para os próximos 10 anos, o sonho é alcançar ainda mais jovens. Juliana quer mais artistas de graça na Quadra do Lazer, mais editais e mais apoio do governo para todas as rodas e batalhas. TH Lima quer que a molecada troque a arma pela caneta e pelo microfone. Caio pensa em um dia passar a bandeira para quem tiver o mesmo sonho. “Enquanto há vida, há esperança”, resume TH Lima.

JAQUELINE CRUZ

Para trabalhadoras ambulantes do Rio de Janeiro, o comércio informal nas ruas significa enfrentar a falta de banheiros, o sol escaldante e o medo constante de abordagens violentas e apreensões de mercadorias. Como resposta, o coletivo Elas por Elas Providência atua desde 2022, no Morro da Providência, articulando apoio e direitos a mulheres negras e mães solo da economia popular.

O movimento reúne e apoia vendedoras que atuam nas praias, trens e entregadoras de aplicativo. Entre as ações, o coletivo atua na reserva de barcas para ambulantes do bloco de Paquetá no Carnaval, a entrega de mais de mil kits de trabalho e a garantia de pontos com água e banheiros químicos em grandes eventos. O projeto nasceu após a fundadora Caroline Alves ser atingida por balas de borracha e ter a sua banca de frutas apreendida por guardas municipais durante uma fiscalização no Méier, em 2022.

“Eu fiquei pensando quais seriam as formas que teria para diminuir essa violência que a gente sofre todos os dias da guarda municipal. A gente vê mulher sofrendo violência dentro de casa, mas a gente sofre violência na rua também. E quem olha por essas mulheres? E quem cuida dessas mulheres que estão cuidando de todo mundo? Então, foi onde eu pensei em criar o Elas por Elas Providência”, relembra.

Além de Caroline, a cofundadora Arielle de Mello e a coordenadora Kelly Chagas integram a organização do coletivo. Juntas, combatem a falta de licenças de



Mulheres do coletivo participam do Festival Elas Por Elas

DIVULGAÇÃO / ELAS POR ELAS PROVIDÊNCIA

ELAS POR ELAS: COLETIVO DE TRABALHADORAS AMBULANTES LEVA REDE DE APOIO PARA OUTRAS MULHERES DA CATEGORIA

Criado no Morro da Providência, projeto atua na ampliação de direitos, apoio a mães solo e avanços na regulamentação dentro da economia popular

trabalho, essenciais para o reconhecimento da atividade e a garantia de direitos. O movimento também organiza o Centro de Convivência das Ambulantes, que atende as trabalhadoras e os seus filhos com um espaço que oferece creche

comunitária, alimentação, dormitório e recreação durante o Carnaval.

“Têm a creche no carnaval que nós fazemos para as ambulantes que não têm onde deixar os seus filhos, que carregam no sol e chuva. Nós lançamos a creche para isso, para poder trabalhar tranquilo”, destaca Arielle.

O coletivo ainda estende a atuação para a população dentro do Morro da Providência com Arraiás comunitários e Natal solidário, que esse ano tem o objetivo de apadrinhar pelo menos 30 crianças. As ações ainda contam com rodas de conversa e feira solidária de alimentos em parceria com o Sesc. *“Ter uma mãe solo,*

sem nenhuma rede de apoio, falando que o filho não tinha um chinelo, para mim é pesado, porque eu lembro da minha infância, que eu também não tinha. Se a gente não der apoio para essa mulher, o filho dela pode entrar no mundo das drogas. Se ele cresce,

Ato de trabalhadoras ambulantes na praia por mais dignidade e direitos.

Acompanhe o trabalho do coletivo através do Instagram (@elasporelasprovidencia)



DIVULGAÇÃO / ELAS POR ELAS PROVIDÊNCIA



DIVULGAÇÃO / ELAS POR ELAS PROVIDÊNCIA

Roda de conversa com participantes do coletivo



DIVULGAÇÃO / ELAS POR ELAS PROVIDÊNCIA

Integrantes em evento nacional premiado na Bahia

quer ter uma bicicleta, quer ter um chinelo, quer ter um alimento dentro de casa, e pensa 'Vou entrar, porque vai ser mais fácil eu levar comida para a minha mãe para dentro de casa, porque minha mãe não consegue, não tem ninguém que ajude'”, explica Caroline.

O movimento também promove o Festival Elas por Elas Providência, que celebra as ambulantes com homenagens e apresentações de rappers e poetisas das ruas e trens. *“Hoje pretendo crescer muito mais. Eu tive um problema muito grande antes de conhecer a Carol. E hoje eu me sinto a melhor mulher do mundo. Porque antes eu não era nada. A autoestima lá embaixo. E depois que eu conheci ela, comecei a ter vida. Vamos dizer que aqui nasceu uma rosa, que ela regou. E eu estou aqui hoje, uma grande mulher”, relata Kelly.*

O coletivo ainda venceu um prêmio nacional na Bahia por saneamento nas ruas, oficializou a Casa das Ambulantes para capacitar 120 mulheres em 2026 e assumiu o cadastramento da categoria junto à Prefeitura, abrindo diálogo permanente sobre creches, pontos de apoio e regulamentação. *“Nós não somos reconhecidas como trabalhadoras da cidade, mas somos nós que fazemos a cultura da cidade acontecer. A nossa liberdade é a licença para trabalhar, e o nosso objetivo é garantir que o trabalho ambulante seja reconhecido como parte legítima da economia e da cultura carioca”, finaliza a idealizadora.*

PROJETO QUE PÕE FIM À ESCALA 6X1 É APROVADO; SAIBA O QUE MUDA

Proposta votada pelo Senado prevê mudanças na jornada de trabalho e pode impactar trabalhadores que moram em favelas



CARLOS MOURA/AGÊNCIA SENADO

THIAGO HERMINIO

O Senado aprovou na quarta-feira (14), em duas votações, o fim da escala 6x1, modelo em que o trabalhador atua por seis dias consecutivos e descansa apenas um. A proposta recebeu 75 votos favoráveis e um contrário e segue para as próximas etapas de oficialização.

Segundo o Dieese, cerca de 14,8 milhões de trabalhadores estão submetidos a essa escala, comum em supermercados, farmácias, lojas e serviços de atendimento.

O que muda na prática?

A transição será gradual. A proposta prevê que, dois meses após a publicação oficial, os trabalhadores passem a

ter dois dias de descanso por semana e jornada máxima de 42 horas semanais. Após 14 meses da publicação, o limite será reduzido para 40 horas semanais.

O salário não poderá ser reduzido por causa da mudança. A regra também prevê que uma das folgas seja preferencialmente aos domingos.

Até a entrada em vigor das novas regras, continuam va-

lendo as normas atuais. Por isso, os trabalhadores devem acompanhar a oficialização da medida e procurar seus sindicatos para esclarecer dúvidas sobre a aplicação em cada categoria.

A proposta também prevê ajustes para contratos de terceirizados e permite que uma lei futura estabeleça regras de transição para microempreendedores individuais (MEIs), microempresas e pequenas empresas. Essas medidas precisam ser acompanhadas para entender como funcionarão na prática.

Uma luta que ganhou as ruas

A mobilização ganhou força com o movimento Vida Além do Trabalho (VAT), im-

pulsionado pelo vereador e recém eleito deputado federal Rick Azevedo, que denunciou nas redes sociais os impactos da escala quando trabalhava como balconista de farmácia. A deputada federal Erika Hilton também levou a pauta ao Congresso.

Após a aprovação, Rick comemorou. “Vocês ouviram o grito de socorro de um balconista de farmácia”. Erika Hilton também celebrou a votação. “A voz do povo venceu”, afirmou.

A mobilização contou com o apoio de sindicatos e movimentos sociais. Agora, trabalhadores devem acompanhar os próximos passos da proposta e buscar seus sindicatos para entender como as novas regras serão aplicadas em cada categoria.

Para quem enfrenta jornadas extensas e longos deslocamentos, a discussão envolve não apenas o trabalho, mas também o direito ao descanso e à convivência familiar.

MELHORIAS EM COMUNIDADES DO RIO

INFORME PUBLICITÁRIO

Mais água e mais acesso a serviços mudam rotina no Vidigal

Comunidade recebeu melhorias no sistema de abastecimento e ações de regularização da Águas do Rio

Durante muito tempo, abrir a torneira no Vidigal, comunidade da Zona Sul do Rio, exigia planejamento: quanta água havia na caixa e por quanto tempo ela precisaria durar?

Para Luanda dos Santos, 43, nascida e criada na comunidade, a preocupação com a água vem desde a infância. Na casa onde cresceu, uma caixa d'água de 500 litros durava de um a dois dias. Quando a água faltava, era preciso carregar baldes e galões dos poços para casa.

Quando trabalhava cuidando de crianças, em dias de risco de faltar água, pedia que os pequenos tomassem banho antes de chegar. “Agente aprendeu a conviver sem

água”. Atualmente ela trabalha em um trailer de lanches.

Em 2026, a Águas do Rio, uma empresa Aegea, investiu cerca de R\$ 4 milhões em melhorias no abastecimento do Vidigal, beneficiando 30 mil moradores. As intervenções incluíram a construção de duas estações elevatórias, a extensão de 1,6 quilômetro de redes de abastecimento e melhorias no reservatório.

“Eu fiquei surpresa e feliz. Hoje a gente pode lavar roupa e usar a máquina quando quiser. Ficou mais tranquilo, com a água caindo todos os dias na caixa”, relata.

A instalação de hidrômetros e a regularização de ligações também fizeram parte dessa mudança. No início, a comerciante conta que muitos moradores receberam a novidade com desconfiança. Depois de décadas sem abastecimento regular, havia receio de pagar pelo serviço sem notar mudanças reais.

Em sua casa, foram necessárias quatro visitas da equipe para corrigir problemas

na instalação do hidrômetro. Luanda destaca que os colaboradores voltaram até resolver o problema. A experiência aumentou sua confiança na Águas do Rio. “Agora estou confiante de que tudo vai dar certo”, afirma. Cadastrada, passou a acessar os serviços com mais facilidade.

Atendimento mais perto dos moradores

Desde fevereiro de 2026, o Vidigal conta com atendimento presencial. De segunda a sexta-feira, equipes passam de porta em porta orientando

sobre contas, cadastro, regularização de ligações e benefícios como a Tarifa Social. A procura de moradores atrás de atendimento cresceu, chegando a mais de 200 atendimentos em setembro.

Na parte alta, Rute dos Santos, 76, passou 38 anos carregando baldes pelas escadarias para manter a casa abastecida. Com a instalação do hidrômetro e a regularização da ligação, passou a contar com água encanada e acesso aos serviços da concessionária.

Assim como Luanda, Rute também é beneficiária da

Tarifa Social, programa que oferece desconto nas contas de água e esgoto para famílias elegíveis. A Tarifa Social ajuda muito, porque a gente consegue pagar a conta e organizar melhor as despesas de casa”, destaca a moradora.

Para Renan Mendonça, diretor executivo da Águas do Rio, a combinação entre infraestrutura e atendimento é fundamental para consolidar as melhorias no território.

“A transformação também passa por estar perto do morador, entender suas demandas e facilitar o acesso aos serviços. Infraestrutura, atendimento e regularização precisam caminhar juntos. Poder levar água com regularidade para o Vidigal, uma das comunidades mais emblemáticas do Rio de Janeiro, reforça o nosso compromisso.”

Com mais água nas torneiras e atendimento mais perto de casa, moradores como Luanda e Rute passaram a acessar os serviços com mais facilidade e conseguiram aposentar baldes e garrafas.

Mais de 30 mil moradores foram beneficiados em comunidade da Zona Sul

